

SER OU NÃO-SER JAGUNÇO

Mestre. Cleuza Martins de Carvalho (UFAC – Campus CZS)

Resumo: *Riobaldo, durante a sua travessia, na atribulada vida de sertanejo, trava inúmeras batalhas. Mas a maior delas é consigo mesmo, a de ser ou não ser jagunço. Traz à tona a questão do ser-no-mundo como ser-com heideggeriano. O conflito se instaura porque ao ser-com põe em confronto o novo e o arcaico, o fato de ser de antes ou de depois de Adão. Fruto desse doloroso embate, o diálogo/monólogo Grande Sertão: Veredas se concretiza.*

Palavras-chave: confronto, ser, não-ser, jagunço, heideggeriano.

Grande Sertão: Veredas é obra nascida como diálogo, mas dado o rumo que toma, acaba sendo um grande monólogo. Isto em nada o desvaloriza, pelo contrário, o diferencia e o caracteriza. Riobaldo apropria-se da fala de tal forma que só temos ecos da fala do interlocutor-ouvinte, por meio dele mesmo. Os exemplos falam por si:

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. (ROSA, 1967, p. 9)
O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. (ROSA, 1967, p.109)
Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa e rediz, então me ajuda. Assim é como conto. (ROSA, 1967, p. 79)

Não temos, em nenhum momento, a fala do interlocutor. Este é apenas um ouvinte que registra a história de Riobaldo da maneira como ela vai sendo contada.

O lado positivo dessa postura é que temos, no diálogo-monólogo, uma fala limpa, pura, sem interferências, embora Riobaldo constantemente abra sempre um canal, pedindo ajuda, conselho, ordenação, aprovação. Não temos, em nenhum momento, a fala do ouvinte. Quando a temos, é sempre por intermédio de Riobaldo.

Assim, mergulhamos no mundo de Riobaldo. Um mundo conturbado, cheio de conflitos, transbordante de nuances psicológicas, sociológicas, religiosas, míticas, políticas etc., todas voltadas para a problemática heideggeriana do ser-no-mundo e do ser-do-mundo do sertão.

Heidegger diz o seguinte:

Na base desse ser-no-mundo determinado pelo “com”, no mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da pré-sença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros. O ser-em-si intramundano destes outros é co-pre-sença. (HEIDEGGER, 1988, p.170).

Na fala de Riobaldo muitos conflitos vêm à tona. E um dos mais presentes é o de ser ou não-ser jagunço. Nas suas reflexões vai pontuando as inquietações que surgem desde as primeiras páginas da narrativa:

O senhor saiba: eu tôda a minha vida pensei por mim, fôrro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. (ROSA, 1967, p. 15)

Estando ainda entabulando conversa com seu visitante, tudo está meio caótico, sem rumo certo. No entanto, ele vai pontuando coisas importantes, e, justamente, por estar em conflito, parte para discurso sinuoso, matreiro, que esconde mais do que aponta. E nessa dança, sobretudo psicológica, vai colocando devagarzinho, com moderação, como se nem ele mesmo percebesse a problemática como um todo. Um de seus pontos nodais é o que se refere ao Ser: ser-com, ser-em, ser-também. Este percorre o diálogo-monólogo todo, buscando ponderação. Volta ao ponto novamente: “Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços, para outra coisa não fui parido.” (ROSA, 1967, p. 15). A determinação com que se expõe nos choca. Não poderíamos pensar para a mesma pessoa destinos tão paradoxais. Para Riobaldo, no entanto, é compreensível. Ele usa o mesmo princípio de Maquiavel: o príncipe, pelo dom de Deus, governa almas. No mundo do sertão, segundo a visão de Riobaldo, quem tem esse direito é o padre e o chefe dos jagunços. Ele poderia ter sido padre se fosse encaminhado para os devidos estudos, pois tinha capacidade para tal, inclusive empenho moral e religiosidade nata. O mundo não lhe abriu a possibilidade religiosa, acabou seguindo o caminho oposto. Foi chefe de jagunços, posto que lhe rendeu glórias e profundos dissabores. E completa o pensamento: “Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta.” (ROSA, 1967, p. 15), conclusão a que chega com bastante lucidez para os parâmetros da época. Em vez de ir para o bom caminho, por razões que ele procura insistentemente saber, seguiu rumo contrário. Depois de termos lido a obra toda, podemos enxergar aí uma forte denúncia social, pois se tivesse o apoio necessário, poderia ter sido útil à sociedade. Ao invés disso, foi ser jagunço, e chegou a chefe, engrossando a fila dos desviados, dos que estão aquém do sentido adâmico do viver.

Contradizendo-se a si mesmo, diz: “Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria.” (ROSA, 1967, p. 32). Envolvido em fortes compromissos, tem consciência de não ser livre, principalmente por fazer parte de uma das facções jagunças. Ser-no-mundo do sertão significa estar preso a um destino incerto, a rodar mundo, a envolver-se com lutas, a labutar consigo mesmo, com seus companheiros e, sistematicamente, com os inimigos de circunstância. É justo nesse momento que começa o conflito interior. Ele percebe que não é mais um indivíduo, mas parte de um coletivo que nem sempre está de acordo com seus próprios princípios. Ele sente que “a pré-sença é em si mesma, essencialmente, ser-com” (SÀ, 1978, p. 18), embora haja choques, discordâncias, conflitos.

Vai crescendo esse sentimento de desajuste na medida em que entra na narração propriamente dita, que acontece por volta da página 79, quando conta a travessia do de-Janeiro com o menino Reinaldo. A partir daí, a estória toma novo rumo, tenta se estruturar. Com isso, Riobaldo tenta sair do caos em que se encontra e, com a ajuda possível do ouvinte, ir buscar do cosmo. Começa, então, o mergulho nos abismos de sua alma. Afirma ele:

Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ôntem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que

minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá.” (ROSA, 1967, p. 109)

Podemos ver o conflito instaurado em todos os sentidos. Ele não é homem fracionado, dividido, fragmentado. No entanto, o mundo onde está inserido e a vida que leva o faz dessa forma, criando um sentimento de culpa que o acompanhará sempre. Daí tantas dúvidas e indagações e o desconforto que não sabe como resolver. Tem consciência de que é uma situação constante, pois olhando para trás, diz: “No passado, eu, digo e sei, sou assim: relembro minha vida para trás, eu gosto de todos, só curtindo desprezo e desgosto é por minha mesma antiga pessoa.” (ROSA, 1967, p. 109)

Embora tenha desgosto e desprezo por si, não há conflito, não há divisão entre ele e os outros com quem conviveu. Consciente de que existe o mundo de antes e o de agora e que eles são muito diferentes, Riobaldo começa a se indagar, questionar a respeito de tudo. Espírito inquieto e arguto, quer saber onde estão as fronteiras entre os dois universos tão diferentes para ele. No fundo, ele começa a perceber de que é um Ser-no-mundo e a refletir nas implicações que isso trás. O que acontece bem no sentido heideggeriano:

A interpretação ontológica do mundo foi privilegiada através de uma análise do manual intramundano porque, sendo em sua cotidianidade tema constante, a pré-sença não apenas é e está num mundo, mas também se relaciona com o mundo segundo um modo de ser predominante. Na maioria das vezes e antes de tudo, a pré-sença é absorvida por seu mundo. (HEIDEGGER, 1982. p. 164)

A consciência de ter sido absorvido pelo mundo, mais especificamente por um mundo arcaico, rústico, primitivo, cria em seu espírito um desconforto enorme. É no movimento ondulante entre os diversos tipos de experiência e uma gama incontável de indivíduos com quem se relaciona que vai, naturalmente, criando um termo de comparação. A narrativa avança e cada vez mais ele se interroga e se vê diferente de todos eles.

Diz ele:

De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajante em ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. Eu mesmo pensei. Conheci que estava chôcho, dado no mundo, vazio de um meu dever honesto. Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fôsse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte.” (ROSA, 1967. p. 110)

Intriga o leitor essa postura. O narrador confessa a insatisfação em seguir como cão magro e se mostra desiludido, estranho no mundo, mas ainda não evidencia o conflito em toda a sua proporção. Sente-se alheio e nos vai mostrando porque poderia ser padre sacerdote. Não há afinação, mas isso se revela apenas no plano moral. São pessoas se matando numa brutalidade que choca e o deixa perdido no meio disso tudo. Há uma consciência diferenciada, mas ela ainda é tênue, esfumada, imbricada em muito sentimento e significação. E vem de encontro com o que Olga de Sá diz a respeito do texto heideggeriano:

É na mundianeidade, sendo no mundo, que encontramos os homens, como ser-com os outros. Sendo com os outros é que cada um descobre a si mesmo, e o ser se revela. Compreender-se e compreender o ser, só é possível a partir da compreensão dos outros. A compreensão dos outros não é um saber o que os outros são, derivado de um conhecimento racional elaborado. A compreensão dos outros é um saber, um modo existencial de ser, que leva a compreender primordialmente o que é o homem, como ser de relação. (SÄ, 1978, p. 18/19)

Os questionamentos de Riobaldo, em circunstâncias diversas, acabam por colocar sua condição enquanto ser-com. Os conflitos, a angústia, o desconforto recaem sempre no descompasso que existe entre a elaboração racional que a personagem faz de si mesma em contraposição com a consciência de homem de relação, de ser-com no mundo do sertão. As diferenças são marcantes, pois uma condição está em nível abstrato, no aqui e agora. No entanto, uma condição não o liberta da outra. É soma e, consequentemente, conflito para a personagem narradora. Segundo Heidegger, a condição existencial é implacável – o homem é um ser de relação, portanto fadado a absorver e ser absorvido pelo mundo em que vive. Assim vive Riobaldo o seu quinhão. Quando faz uma pergunta a Tião Passos, a situação toma outros contornos e tudo vai tornando-se mais nítido. Vejamos:

Quando conversávamos, perguntei a êle se Joca Ramiro era homem bom. Tião Passos regulou um espanto: uma pergunta dessas decerto que nunca esperou de ninguém. Acho que nem nunca pensou que Joça Ramiro pudesse ser bom ou ruim: êle era o amigo de Joça Ramiro, e isso bastava.” (ROSA, 1967. p. 115)

Ele começa, de forma difusa e lenta, a vislumbrar em que plano as diferenças se dão. A partir daí, sua percepção de mundo vai se estruturando melhor e as nuances de comportamento, de acontecimentos, de situações, de dificuldades etc., tornam-se mais claras. Fica evidente para Riobaldo que as dessemelhanças não são superficiais e nem estão no plano moral só. Por isso, é forçado a mergulhar nesse universo de profundas contradições. Sai do campo da moral para entrar no campo da cultura e da filosofia, ambos mais complexos, imbricados e, ao mesmo tempo, rico, opulento, fértil, abundante. Na ânsia de compreender melhor o meio em que vivia, se embrenha nos caminhos disponíveis buscando respostas. A noção de bem e mal faz parte do entendimento moral. Mas o fato de nem sequer colocar esses valores em discussão significa o que? Que aspectos estão em jogo? São respostas que ele vai buscando, perseguindo o tempo todo.

Na sequência do diálogo, diz páginas adiante: “Então, eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom.” (...) “E eu era igual àqueles homens? Era.” (ROSA, 1967, p.133). O nível de contradições e incertezas interiores é proporcional à turbulência experienciada no cotidiano. À medida que flui a narrativa e cresce o número de comparações, as indagações e os paradoxos se acentuam. E mais sensível torna a percepção de mundo. Sinal positivo, pois começa a compreendê-lo, ou melhor, organizá-lo. Por exemplo, começa a fazer distinções e reconhece os aspectos que os distinguem e os que os aproximam. São iguais em humanidade, enquanto seres humanos numa dada circunstância, mas bem diferentes em moral, no que se refere a alguns valores e no conhecimento adquirido. Aliás, a bagagem que vai acumulando é que o faz crescer diante dos outros. Reconhece que a maioria dos homens, melhor

dizendo, dos jagunços não se incomoda com isso. Simplesmente segue, obedece, cumpre.

Algumas páginas à frente e afirma: “Aquêles? Diadorim e os outros? Eu era diferente deles.” (ROSA, 1967, p.149). Sem arrogância e até com certo desconforto em relação aos companheiros, porém taxativo, novamente assume ser diferente deles. Sentimento que vai, aos poucos, minando o íntimo, trazendo uma angústia, um desassossego que acentuava, cada vez mais, a distância entre eles.

E chega ao ponto nodal de seu conflito. Diz:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! — porque não sou, não quero ser. Deus esteja! (ROSA, 1967, p. 166)

O grande drama de Riobaldo é o de ser ou não-ser. Diferente de Hamlet busca o não-ser, pois não tira “sombra dos buracos”, sente “repugnância, em minha inteligência” por certas atitudes tomadas. Ao ser incitado, ao contar ordenando o mundo, sua consciência aflora e estabelece a diferença entre Riobaldo como ser-no-mundo e Riobaldo ser-do-mundo. Dessa percepção surge a grande batalha íntima: ser ou não-ser jagunço? O dilema é tão forte nele que, por diversas vezes, retoma a mesmo assunto. No entanto, admitir-se jagunço remete “as bestas coisas em que a gente no fazer e no nem pensar vive preso, só por precisão, mas sem fidalguia”. (Rosa, 1967. p. 186). Podemos ver, Riobaldo tinha consciência mais esclarecida que os outros. Ao contar, ele desvela o doloroso, o instigante, o perturbador que havia. O fato de se questionar e questionar situações e comportamentos já vai, por si só, estabelecendo a diferença que existe entre ele e os demais. Por outro lado, o revelar-se, mais ainda, considerar-se jagunço implica assumir outras tantas significações inerentes ao seu estado: de saber-se anterior à noção de bem e de mal. É reconhecer-se pura natureza ou estar, como realmente já está além do sentido adâmico do viver. O grande dilema é obedecer aos desígnios do Destino, deixando que quem mande seja Deus e o Diabo, ou assumir as rédeas e estar “depois das tempestades”? Viver em um universo plenamente mítico ou admitir o homem como dono do seu destino, responsável por seus atos? Riobaldo já tem consciência de que existem as duas vias. No entanto, todo desconforto expresso por ele advém da possibilidade de pensar que ainda está na primeira via. Sua labuta permanente é deixar de viver “cachorrando por esse sertão” e em conquistar definitivamente a fidalguia, a “segurança destemida e o alto destino possível da gente”. Mesmo sabendo ter vencido as maiores barreiras, ter se livrado da “desgovernança”, o saldo para sua consciência é muito negativo.

Vejamos que, no fragmento acima, ele não muda o tempo verbal, embora pareça estar falando em terceira pessoa. O que ele busca de modo obstinado? O fato de se ter deixado viver “sucedido desgovernado”? Mesmo em plena ação já tinha consciência de estar “traidor no cabo do meu coração.” (ROSA, 1967, p.132). Com certeza, esta noção aflora de maneira mais clara no momento da narração, quando a personagem movida pelo desejo de externar não só os fatos, mas também sentimentos e significações, depura sua memória de tal forma que nos traz à luz a consciência de um homem na encruzilhada da existência. É um ser no limiar da consciência histórica e social, despertando para o mundo da cultura, desabrochando para humanização mais acentuada. São incursões reflexivas revelando um espírito perplexo com suas próprias

experiências. A diferença entre ele e os jagunços o incomodava. O protagonista, malgrado a vida bélica e desgovernada que levava, sem poder cultivar os bens que queria, demonstrou ser um espírito sensível, dado à contemplação, atento aos mistérios do mundo.

Diz, algumas páginas à frente:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados...” (ROSA, 1967, p.169)

Ele mesmo, na continuação do assunto, afirma que “êste mundo é muito misturado...” Podemos aquilatar os conflitos interiores vividos sempre por ele. Seus desejos passam longe da realidade e batem de frente com as vicissitudes do mundo em ebulição do qual fazia parte. Na verdade, ele deseja a simplicidade e a transparência das relações, as fronteiras bem demarcadas, a medida certa para cada fato e lugar. Ou seja, é um espírito do bem, querendo agir dentro dos princípios da ordem, da harmonia, da limpeza e, conseqüentemente, do bom e do belo. É, com certeza, um ser platônico em conformidade também com as características de Apolo – a divindade da libertação pela luz, pela aparência, pela visão, pela medida, pelo otimismo, pelo racional e pelos limites impostos pelo espírito de justiça. No entanto, vivia no universo de Dionísio – a divindade da desordem, das emoções exacerbadas, do desequilíbrio, da incerteza, da derrota, do desvario, do exagero, da bestialidade, da grotesca e brutal violência, do instinto, do irracional e do sofrimento atroz. O que para Riobaldo constituía nó intrincado da existência, para os outros não chegava, sequer, a ser colocado como problema.

Diz Riobaldo:

Porque, veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma nesse mundo – as coisas eram bem divididas, separadas – “De Deus? Do Demo?” - foi o respondido dele – “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?” (ROSA, 1967, p. 169-170)

Ou seja, há perigo e barulho, mas pouco nítido, tão distante e, principalmente, fora do ser-no-mundo deles. O melhor é cair no maniqueísmo do bem e do mal e pronto. Eles não se atiram nem se atrevem a maiores especulações.

Por sua vez, cada questionamento ou especulação de Riobaldo a respeito do diabo, vêm embutidas estas e outras indagações que vão presentificando a pertinência do atraso, da ignorância, do alheamento, da bestialidade, da barbárie em que se encontra o homem do sertão. Toda vez que aflora o problema da existência ou não do diabo, em ritmo de contraponto ele vai estabelecendo as diferenças marcantes entre o mundo arcaico e o moderno. Ou melhor, entre o mundo natural e o cultural. No centro dos conflitos existenciais, Riobaldo vai tentando entende-los e, na mesma proporção, tornar explícito os terríveis e amargos acontecimentos de sua vida. Chegou a um ponto de amadurecimento que quer fazer o balanço, ordenar sentimentos, reavaliar os critérios adotados na vida de jagunço, afastar perplexidades, ordenar idéias, apaziguar lembranças. Mas como fazer? O enfrentamento se faz por meio da narrativa, do contar. É no exercício da linguagem que ele encontra o caminho:

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração – dou o tampante, e o que for – de trinta combate.” (ROSA, 1967, p. 175)

O fragmento remete ao mito. Desta vez a Métis, filha da Memória, a deusa da Sapiência. Ao criar o jogo entre narrador e ouvinte no que se refere ao conhecimento, nos mostra a personagem perdida entre tantos e tão entrançados fatos. Ao voltar-se sobre a vida passada para decifrar todos os processos de depuração por que passou se depara sempre com a busca do sentido de cada fato, de cada ação, de cada tomada de decisão. E, conseqüentemente, esbarra na falta de lógica para muitas situações. Ou, às vezes, tem dificuldade de lidar com elas, pela mistura de significados, pelo embaralhado de valores, mas, principalmente, por estar buscando um sentido mais profundo para eles. No fundo, quer o sentido metafísico da vida. Conseqüentemente, procura no ouvinte as respostas para suas inquietações, perplexidades, hesitações. Ele quer a sabedoria que roça a Sapiência das verdades universais. No entanto, centrado num mundo arcaico, como já dissemos, vivendo grande parte de suas experiências no limiar da bestialidade e da alienação, sua limitação é grande. Por já ter ultrapassado certas barreiras e possuído consciência mais humanizada, não se conforma e, na verdade, não consegue digerir ou aceitar passivamente alguns rumos tomados pelos homens do sertão. Sente como algo predestinado, fora do controle humano. Chamamos a atenção para o fato de Riobaldo só agora, depois de se tornar barranqueiro, parar e se dedicar à reflexão minuciosa sobre tudo. Enquanto envolvido, consumido pelos acontecimentos, não teve condições para tal procedimento. Na verdade, o elemento disparador do fluxo de memórias é a visita do doutor, vindo da cidade grande, para entrevistá-lo sobre o mundo do sertão. Riobaldo, no entanto, ao fazê-lo vai refletindo e avaliando sentimentos e significações. Não faz apenas um desfiar de fatos e acontecimentos. Quer, inclusive, discutir, trocar idéias, filosofar com o ouvinte. Mas o ouvinte quer o suceder dos fatos, encadeados numa lógica clara e transparente. No entanto, o ouvinte intui algo importante no desencadear dos fatos que o narrador retarda em contar. Ressentido, propõe parar e falar das batalhas materiais, tangíveis. Nesse ponto, percebemos que o narrador enfrenta dificuldades com o ouvinte. Labuta para dar curso à história seguindo visão particular e não segundo a visão do ouvinte.

Colocamos outro exemplo que nos remete ao mito: “Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em êrros, como em relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria.” (ROSA, 1967. p.187). Reafirma nesse fragmento a importância de encarnar as características das divindades – Apolo e Dionísio – no sentido preconizado por Nietzsche, em *A Origem da Tragédia*. A sisudez representa Apolo e a alegria, Dionísio. Pois, a partir da aproximação desses dois universos tão diferentes, nascem os valores que formam o legado da grande arte. Indagamos, qual relação podemos estabelecer entre os dois mitos e Riobaldo? Ele mesmo nos vai dando a chave. Uma vida equilibrada, harmoniosa, tranqüila só pode surgir de indivíduos que consigam equacionar bem razão e emoção, de forma tal a dar-lhe grandeza. Com certeza, ele busca uma existência dentro desses parâmetros.

“Às vezes não aceito nem a explicação do compadre meu Quelemém; que acho que alguma coisa falta.” (ROSA, 1967. p.273).

Para Riobaldo, compadre meu Quelemém é uma espécie de Métis, a deusa da Sapiência, misturada com Deméter, a deusa do Equilíbrio, também filhas da Memória. É a pessoa mais ponderada que ele conhece. E, com certeza, o responsável por sua

iniciação no universo das reflexões profundas. Como kardecista, reconhece seu valor, respeita seu ponto de vista, admira sua compreensão e entendimento da vida, mas ele quer mais. Riobaldo quer ponderações nas mínimas oportunidades como forma de eliminar dúvidas, segundo o juízo que faz, para esclarecê-lo sobre algum ponto nevrálgico da vida, que, por hora, não podemos atinar, pois estamos virtualmente na metade da leitura da obra. Tantas são as inquietações, dúvidas e situações limite que vai levantando no percurso da narrativa e tão poucas as respostas que ele encontra! É com razão que acha que “alguma coisa falta”. O equilíbrio necessário à vida e às lembranças há muito se perdeu. Da mesma forma que, em outras circunstâncias, buscou na figura do ouvinte/autor o respaldo mítico, a explicação reorganizadora, a ajuda essencial, também agora Riobaldo quer restabelecer o equilíbrio entre experiência e lembrança. Nesta tarefa peculiar de ordenar e fazer fluir a própria saga, Riobaldo vai, de certa forma, se libertando, vai se desfazendo da bagagem interior que tanto desconforto lhe causa. É um processo depurativo. Na medida em que conta, canta. Ou seja, vai trabalhando o caos para transformá-lo em cosmos, em universo plasmado no imaginário do contador. No entanto, ele ainda é conturbado e caótico. E o motivo disso faz externá-lo de tal forma que podemos entrever uma ponta de remorso escondido, encravado em algum fato que, pela magnitude, parece difícil de vir à tona, de tornar-se visível.

O próximo fragmento vem reforçar justamente a idéia:

Sentimento que não espairo; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso – o que queria e o que não queria, estória sem final. O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. (ROSA, 1967, p. 241)

A consciência do ser-no-mundo já se torna mais clara para Riobaldo. Ele compreende o fluxo e refluxo natural da vida. No movimento cíclico da natureza é que o homem se vê como ser-com. O compartilhar as coisas miúdas e grandiosas do dia-a-dia exige coragem, mais ainda, alegria para enfrentar transformações necessárias para a evolução humana. O homem humano não acontece por toque de mágica, mas na lida diária, num processo de lapidação exemplar, onde, com certeza, não escapam nem os colegas jagunços. É no exercício de ser-com que o homem é capaz de aprender, se transformar, melhorar o interior, a maneira de ser. Por etapas, obedecendo ao ritmo da existência, com os ciclos, é que o homem se torna mais humano, mais espiritualizado.

Para Riobaldo renegar a origem significa um sinal, um rito de passagem. Índice de que ele já deixou o mundo primitivo, rude, arcaico em que vivia. Virar esta página consistiu esforço tremendo, caracterizado pelo conflito natural do nascimento de um novo homem: o homem humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

NIETZSCHE, F. **Origem da Tragédia**. Lisboa: Guimarães Ed., 1958.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. RJ: José Olympio Ed., 1967.

SÁ, Olga. O Ser-Com de Heidegger. **Revista Ângulo**. CFITD'A, Lorena: Ed. Santuário, n°. 23-24, Jul./Dez, 1978.

Cleuza Martins de CARVALHO, Mestre.

Universidade Federal do Acre – Campus Cruzeiro do Sul (UFAC – Campus CZS)

CELA – Centro de Educação, Letras e Artes.

Cleusa.carvalho@uol.com.br